

**RESENHA DA OBRA FLÁVIO JOSEFO, UM
COMPÊNDIO. LIVRO ORGANIZADO POR HONORA
HOWELL CHAPMAN & ZULEIKA RODGERS.
TRADUÇÃO DE IVAN ESPERANÇA ROCHA. SÃO
PAULO: EDUSP, 2023, PP. 624. ISBN 9786557851272.**

Pedro Paulo Abreu Funari¹

Flávio Josefo (37 - ca.100) deixou-nos obras importantes e das mais conhecidas e citadas, no decorrer dos últimos dois milênios e o Compêndio cumpre um papel crucial por reunir muitos especialistas a digerir as discussões mais recentes sobre o personagem e sua obra. A tradução cuidadosa do professor da Unesp Ivan Esperança Rocha contribui para sua difusão para um público amplo no Brasil e no mundo de língua portuguesa. O volume está dividido em quatro partes: escritos (quatro capítulos), contexto literário (5), temas (10) e transmissão e recepção (11). Na primeira, há capítulos sobre a Guerra Judaica, Antiguidades Judaicas, Autobiografia e Contra Ápio. Na segunda, Josefo como historiador romano, e a Literatura Imperial Grega, e a Bíblia, e Fílon em Roma, e o Novo Testamento. Na terceira, incluem-se Arqueologia da Galileia, como historiador militar, as mulheres, os asmoneus, Herodes, o Grande, o Templo de Herodes, as seitas judaicas, o Sacerdócio, a Halachá, a Literatura rabínica. Na última, com maior número de capítulos, estão principais manuscritos gregos, traduções latinas antigas e tradição indireta, depois traduções latinas antigas, o Testimonium Flavianum, a

¹ Professor de História Antiga no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH, da Unicamp.

literatura patrística, a recepção crista antiga e medieval, o Sefer Yosippon, a versão eslava da Guerra, na Itália renascentista, as traduções inglesas, a pesquisa hebraica no século XX e Josefo Cômico no cinema. Pela variedade dos capítulos pode perceber-se que tanto se procurou ser abrangente, como inovador ao tratar de temas nem tão explorados ou conhecidos, como sobre as mulheres ou a halachá (lit. “caminho” ou todo o sistema de leis e observâncias judaicas). É uma obra de referência que reúne uma suma a ser consultada por especialistas e público em geral.

Não se trata de, nem seria possível, apresentar cada um dos trinta capítulos. Três grandes eixos serão explorados aqui, a começar sobre as fontes e como se pode tentar conhecer Flávio Josefo e suas obras. Acionam-se a Arqueologia, sempre em produção de evidências, como pinturas parietais (p. 228, 246), a tradição textual, tanto no mundo clássico, grego e latino, como judaico, incluindo as pouco esperadas fontes latinas (p.272), ou um possível *Ur-text* (texto de base) de fontes hebraicas (p. 408). Discute-se qual o papel dos assistentes (*synergoi*, p. 154) literários de Josefo, antes vistos como *ghost writers* (p.33) e agora considerados como conselheiros de um Josefo bem versado nos idiomas (p. 142, 154, 275). Chama a atenção o uso que se faz de comparações com situações em outras épocas e circunstâncias, desde a referência e jornais e revistas de nossa época (p. 43), a Kennedy (p.44), democracias ocidentais (p. 50), Trotsky (p. 27), Hitler (p. 320), entre muitas outras (270, 274, 278, 279, 281, 598). Por outro lado, adverte-se para não cair na armadilha da análise moderna em excesso (p. 356), em particular com o recurso da análise filológica de conceitos como *hairesis*, *phylon* ou *tagma*, para explorar as seitas judaicas, num inventário de diferenças e especificidades.

Em seguida, pode discutir-se os conceitos antigos e modernos utilizados para entender Josefo, suas obras e seu mundo, assim como o contexto historiográfico moderno. Dentre os antigos, está o providencialismo divino (p. 77, 79, 160), a fortuna (*tyché*, p. 160), a escrita historiográfica como profética (p. 175), mas também o livre-arbítrio (p. 364), aliança (בְּרִית, *brit*, em hebraico, p. 183), o neologismo inventado por Josefo, teocracia (p. 183, 375), caráter e biografia (p. 97, 116, 321). Outros conceitos estão bem nas discussões atuais da teoria social, como identidade (p. 182), hibridação (p. 163), aculturação (p. 190), ecletismo (p. 394), assimilação (p. 302), domesticação de narrativas de uma cultura para outra (p. 287), marginalidade (p. 192), homogeneidade cultural (p. 249), variedade cultural (vários judaísmos, p. 393). Em obra coletiva, convivem interpretações diversas desses conceitos e sua aplicação produz um saudável e bem atual senso de diversidade e abertura para que o leitor forme seus próprios juízos dos argumentos. Nesse sentido, cada capítulo, além das referências bibliográficas, apresenta leituras complementares comentadas e fornecem ao leitor a possibilidade de verificar por si mesmo as divergências interpretativas, assim como permitem um aprofundamento bem fundamentado. Ainda no aspecto formal, muitos capítulos incluem tabelas, quadros, listagens e imagens, o que facilita, também, a formação bem informada de opinião sobre os tópicos específicos. Um índice remissivo (p. 611-619) contribui, ainda mais, para a consulta sobre temas específicos.

Por fim, convém comentar alguns dos temas tratados, uma escolha sempre subjetiva. Talvez a questão mais ampla se refira aos juízos sobre o caráter de Josefo, por um lado, e da qualidade da sua obra, por outro. No primeiro caso, a avaliação da Josefo como traidor de seu povo tem sido contraposta, a justo título, à sua sincera convicção de que Deus, como em outras ocasiões, abandonou o seu povo e favoreceu os vencedores romanos

(p. 160). Essa reabilitação (p. 577) tem muito a ver com sua defesa dos judeus em *Antiguidades Judaicas* e *Contra Ápio*, apologias ou defesa da antiguidade, sapiência e honra dos seus compatriotas. Isso pode ser relacionado ao seu elitismo (p. 394), que propunha o equilíbrio (p. 189), frente ao radicalismo de alguns, como os sicários, e defendia a convivência pacífica de judeus e gentios (p. 226), em geral e romanos (p. 75), em particular. Josefo aparece com alguém preocupado com um tema pouco usual, a logística militar (p. 278), algo pouco valorizado pela historiografia militar mais antiga, mas, hoje, com renovada valorização. Levar a sério a crença dos antigos, neste caso, de Josefo em Deus, mostra uma sábia distinção entre o desencantamento do mundo iluminista e as crenças dos antigos. Assim, parece anacrônico supor que Josefo fosse descrente e que tenha inventado sua crença na providência divina. A qualidade da obra literária passou por processo semelhante de reavaliação. Ressalta-se a sua frequência da literatura grega, latina, aramaica e hebraica, em particular ao colocá-lo, com destaque, entre os historiadores romanos e a literatura grega, algo ainda pouco usual.

Josefo foi preservado, em grande parte, por sua instrumentação para a defesa da Bíblia Hebraica por parte dos cristãos (p. 112), ainda que também tenha sido sempre interpretado em chave antijudaica (p. 189, 498), Mais que tudo, preservou-se pelo chamado *Testimonium Flavianum*, trecho das *Antiguidades Judaicas* que menciona Jesus de Nazaré como o Cristo. A discussão a respeito da autenticidade do todo e de parte da frase reportada pelos manuscritos continua em aberto, mas pode concordar-se que, ao menos em parte, é autêntico (p. 475). Isso parece salutar, pois descrever Jesus como homem sábio (p. 463, *Antiguidades Judaicas* 18, 63) não faria sentido ser escrito e interpolado por um cristão, mas parecia difícil admitir que parte da referência é autêntica, pelo viés iluminista (p. 469). Parece,

de fato, muito mais provável que Josefo tenha escrito sobre Jesus de Nazaré, talvez até mais do que restou e que tenha sido deletado por copistas cristãos, desinteressados ou receosos por outros aspectos possivelmente mencionados (p. 215). Nunca um trecho tão pequeno teve tanta repercussão! Insere-se isso no tema do antijudaísmo antigo (p. 112) e moderno pós-iluminismo, travestido de antisemitismo. O compêndio sobre Josefo mostra bem esse processo de reabilitação do autor e da sua obra, ainda que isso seja mais um desejo do que uma realidade, na medida em que o antijudaísmo e o antisemitismo sejam mais práticas e ideias expiatórias, do que outra coisa (Levítico 16:10, bode expiatório).

Há duas outras questões a merecerem comentário, ambas do maior interesse nos dias de hoje: a tirania, por um lado, e a potência liberadora das mulheres, por outro. Josefo vivia em uma sociedade patriarcal e autoritária e não se pode deixar isso de lado. Mas, se pode ler a contrapelo, como ensina Walter Benjamin. No primeiro caso, Josefo era da mais alta elite (p. 394), detestava os charlatões (*góêtes*, p. 210), a arrogância (*phronêma*, p. 331) de Herodes e de outros autocratas, como o próprio Domiciano (p. 345), em crítica quase conceitual ao Principado (p. 146), em favor de uma aristocracia, imaginária mais do que factível, mas nem por isso menos desejada. Josefo parece representar bem uma parcela das elites pelo mundo romano, acomodadas ao poder imperial e tirânico ou autocrático, mas crítica e insatisfeita, sem o poder dizer de maneira aberta. Num só movimento, Josefo mostra seu horror pelo radicalismo dos revoltosos e sua defesa do compromisso com o poder, neste caso, imperial, para não dizer imperialista. Em sentido oposto e em meio a um patriarcado que destinava as mulheres a papéis secundários e subordinados, a partir dos estudos de gênero pode-se visibilizá-las. Josefo pode mesmo parecer curvar-se à misoginia helenizada,

ao domesticar as assertivas mulheres bíblicas, ainda que estudos recentes indiquem o contrário, ao mostrar o protagonismo feminino, por exemplo, de Débora. Sobre a rainha Salome Alexandra, ou Shlomtzion (141-67 a.C.), de motu próprio, Josefo só tinha coisas positivas a dizer (p. 292), considerando-a amada por seu povo (p. 314), ao escapar da caracterização tirânica mencionada acima. Se seguirmos essa interpretação de Tal Ilan (289-294), cujos argumentos parecem convincentes, podemos, talvez, associar o poder feminino da rainha à sua atitude de cooperação com os fariseus (p. 291), por oposição ao poder discricionário e individual de tantos outros governantes masculinos.

Ao final da leitura, sai-se com a sensação de conhecer bem melhor o estado mais atualizado dos estudos sobre Flávio Josefo, mas também de uma miríade de questões relativas ao mundo antigo, de interesse não só para historiadores, mas para estudiosos de outras áreas, como Letras e Literaturas, Estudos Bíblicos, Filosofia, Hebraística, Patrística, ou Estudos de Recepção. O mais importante, talvez, seja o fato de o compêndio estimular a interpretação por parte do próprio leitor, assim como por incentivar um olhar crítico sobre o passado e o presente, ou vice-versa. E para aspirar-se por um futuro menos dogmático e autoritário (p. 600) e pelo convívio de diferentes.

REFERÊNCIAS

CHAPMAN, Honora Howell; RODGERS, Zuleika. **Flávio Josefo, um compêndio**. Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Edusp, 2023.